

A Mobilidade Socioeconômica Que Faz Uma Nação Chamada Brasil Através Das Aldeias & Minas Do Sertam de Piratinin & Do Piabiyu

João Barcellos

*A realidade historiográfica que se fez na
ação socioeconômica de Afonso Sardinha [o Velho]
é a história da transformação da Insulla Brasil no
sonho de uma Nação caracterizada ainda em
“O Outro Portugal”, mas que logo virou Brasil...
Poucos estudiosos percebe[ra]m que as aldeias
estabelecidas ou recriadas sobre as aldeias nativas
dos povos americanos são retratos aproximados das
aldeias das zonas piscatórias do centro e norte de
Portugal, como da Galiza, porque daí
vem a maioria dos lusos, luso-judeus [estes, mais do sul,
do Alentejo] e galegos – e, com eles e elas, o hábito
do fiado e do escambo.
Não enxergar tal circunstância é não perceber como
um aventureiro do tipo d’o Bacharel de Cananéia e
um comerciante e desbravador como o ‘velho’ Afonso
Sardinha, fundam um poder socioeconômico na Sam
Paulo dos Campu de Piratinin no Séc. XVI,
enquanto o rei de Portugal tenta salvar a Coroa...*

**A importância do Porto das Naus
& dos Portinhos Fluviais
d'Araçariguama, Araratiguaba & Carapocuyba
na Demanda Jesuítica & Lusa**

São degredados por não aceitarem a opção de cristandade livremente e são políticos isolados por não aceitarem a **Casa de Bragança**, além de criminosos comuns. 1º- São elas e eles sob ordem de desterro por ajoelharem à força diante da cruz católica e tornarem-se cristãos-novos, ou judeus-lusos; 2º - São elas e eles da fidalguia que deseja a restauração das políticas públicas ajustadas no tempo do **regente Pedro** e do seu neto e rei **João II**, ambos da **Casa de Aviz**; e 3º - São elas e eles da prostituição e do crime violento que têm como castigo morrer longe da Pátria.

Parte 1

Um Cristão-Novo Dito O Bacharel

Os primeiros 60 anos dos **lusos e luso-judeus na Ilha [do Pau] Brasil**, ou **Insulla Brasil**, são a redescoberta da Vida para a maioria dos aventureiros e desterrados. E, no litoral sul da **Linha de Tordesilhas**, instala-se um cristão-novo sob penitência, dito **O Bacharel**.

Neste caldeirão social é que **O Bacharel** [para a maioria **Cosme Fernandes**, e para historiadores mais próximos dos documentos, **Duarte Peres**, ou **Pires**] se acha em **Gohayó** onde, depois de um **cunhadismo diverso entre escambos de poder tribal guarani**, arquiteta e constrói o **Porto das Naus**. Ele não é reinol, não tem que obedecer a leis da **Coroa lusa**, por isso, faz e impõe a sua lei ajustada aos interesses das tribos locais que, ao lhe darem filhas

de caciques, dão-lhe também o poder político. Ele sabe já da comunicação **Guarani**, pelos **Karai-Yos m'byanos**, que ligam vastos territórios pelo **Piabiyu**, a rota ancestral que sai da **Cananéia** e, serra arriba, encontra pontos de encontro [kotys] no sertão que se liga ao **Jaraguá** e a **Piratinin**, por um lado, e, por outro, lá para as bandas quechuas do **Pampa**. E sabe que costeando a **Serra do Mar** chega além da **Linha de Tordesilhas**, por isso, precisa armar embarcações para sustentar aqui o seu poder entre **gentes d'América**. Para ele, **Portugal** é uma paisagem perdida na memória, porque ele é já **o Mundo Novo que se faz n'América**.

Também já sabe, pelas **gentes goyanazes**, de um **João Ramalho** que entre elas vive e só para viver. No entanto, para **O Bacharel** a vida só tem sabor quando apimentada com o poder político da posse, do escambo e do comércio em geral. E ele faz do **Porto das Naus** o primeiro entreposto naval da **América do Sul**.

É com **O Bacharel** que se inicia a primeira etapa da **mobilidade socioeconômica sul-americana**, e tão importante o é que logo surge a primeira grande rixa entre portugueses: a **Guerra d'Iguape**.

A rixa pela posse do Poder entre portugueses e castelhanos, e estes aliados às forças d'**O Bacharel**, leva à destruição da velha **Gohayó**, já batizada catolicamente como **S. Vicente**. É que para **O Bacharel** a questão tem um ponto de honra: se eu não sou Portugal, as minhas terras ou são minhas ou não serão de Portugal. E alia-se por isso a **Castela**.

O momento político é um divisor d'águas geossociais, e sai perdendo **O Bacharel**, que não soube estender o seu poder acima da serra, onde outras tribos têm o **Ramalho** como 'dedo indicador' para estabelecer parcerias ou não com os portugueses e, principalmente, com os **padres jesuítas**.

Com a destruição de quase tudo o que havia sido construído entre **Gohayó** e **Marataiama** [mais conhecida já como **Cananéia**], e também em **Santos**, fica na memória a certeza da presença de ouro e prata na região, e de caminhos que levam ao topo e ao planalto da **Serra do Mar**.

Parte 2

Um reinol Chamado Afonso Sardinha

São poucos os aventureiros que se apressam na demanda do ouro e da prata, enquanto abrem pequenas roças no litoral antes dominado pelas gentes d´**O Bacharel**.

Lá pelos Anos 50 surge em **Santos** e **S. Vicente** um reinol que, entre engenhos d´açúcar [trapiche] e mineração em **Cubatão**, decide ir arriba serra em busca do ouro e da prata que os karai-yos lhe sussurram. Entretanto, já negocia a compra de um **navio negreiro para fazer a linha Santos-Angola: é o ouro negro**. Empresta dinheiro e aluga casas a advogados, padres e militares, e faz escambo de terras e escravos. Mas ele não é **O Bacharel**, não se interessa pela posse local e tribal, quer ser e estar **Poder de decisão pela mineração, a escravatura e a política**. Já tem até filho com uma ´poty´ guarani, e ensina ao seu mameluco a ciência da mineração; e também por causa do mameluco, que leva o seu nome, fica conhecido como “**o Velho**” e aquele como “**o Moço**”.

O reinol **Afonso Sardinha** é “o Velho” que, depois de ser **vereador e senhor de posses em Santos**, decide se instalar no **planalto de Piratinin**. Aqui, recebe autorização dos jesuítas e monta o primeiro **trapiche** da região, onde já existem precárias fazendas e ferreiro oficial no **Byrapoera**. Por escambo administrativo de políticas da Coroa, recebe as vastas terras de **Ybitatá** [do espigão do planalto até perto da **aldeia Carapocuyba**], e, em troca, constrói aqui a primeira ponte sobre o **Jeribatyba**, o rio cujas margens são o pilar do assentamento europeu na região piratininga, e que vai ´cair´ na imensidão do **Anhamby**.

Na jesuítica **Sam Paulo dos Campu de Piratinin**, o reinol **Afonso Sardinha** dá assento à família e instala uma rede comercial, agrícola e política que o leva a ocupar uma cadeira na Vereança local. Enquanto isso, **apóia financeiramente os jesuítas e outras ordens católicas para esconder a sua verdadeira identidade de cristão-novo**. O que é práxis sociopolítica entre as **gentes da nação** como são chamadas as pessoas que seguem a **Lei Mosaica** e que buscam um lugar no

mundo. Na rede da **Família Sardinha** têm preponderância a mulher **Maria Gonçalves** e seus irmãos. Mas também a irmã de **Afonso** que vive no **Rio de Janeiro** e aí dá continuidade à rede.

Entre familiares e agregados estabelece Afonso Sardinha uma mobilidade social e financeira que o faz atravessar o Piabiyu e fazer negócios em Asunción e Buenos Ayres. É tão intensa a mobilidade econômica piabiyuana que a rota é já a primeira zona franca sul-americana.

Pelas anotações nos **testamentos de sertam**, percebe-se que tal como as madrinhas, as esposas e as tias dos filhos e filhas de bandeirantes, **Maria Gonçalves é a guardiã e a gerente das riquezas da Família Sardinha**. Símbolo fundamental da mulher árabe e judia que faz a casa renascer a cada dia.

A presença de homens livres ao redor da **Família Sardinha** é o resultado da política de investimento d' **o Velho** na diversidade de apostas, principalmente com ferreiros e mineradores como **Clemente Álvares**. Até por que ele não 'acha', ele compra **minas e possibilidades de mineração** dos sertanistas que fazem as primeiras entradas no sertão a oeste de **Piratininga**.

Parte 3

Economia & Guerra

E as gentes nativas?

Se parte pequena da **gente d'América** se dá ao escambo ou é cercada e feita escrava, a maioria diz não à presença da **gente d'Europa** em suas terras. Os conflitos são inevitáveis e “**o Velho**” **Afonso Sardinha** notabiliza-se por uma estratégia político-militar peculiar: avançar e proteger os seus negócios pela rota do **Piabiyu** significa contornar ou vencer a resistência nativa. Existem dois **portinhos fluviais** que abastecem as tribos com informações: **Araçariguama** e **Carapocuyba**, próximos, e

Araratiguaba, mais longe, onde talvez seja o primeiro ponto jesuítico dito **Maniçoba**. É o que sabe pelos nativos e pelos padres jesuítas. Além do **Pico do Jaraguá**, o morro d'atalaia intransponível.

A aldeia de **Carapocuyba** está na fronteira com a sua fazenda **Ybitátá**, na margem do **Anhamby**. Enquanto as rotas terrestres são ocupadas e **aldeias lusas são montadas sobre os escombros das aldeias nativas, a partir de uma capela como marco-zero**, os portinhos fluviais continuam a alimentar os fluxos migratórios nativos. É preciso dominar os pontos de encontro, ditos **Koty**. E ele sai do **Jeribatyba**, domina e toma **Carapocuyba**, para logo avançar ao **Byturuna**, minerar ouro, e de lá, pelas vastas sorocabas, subir os morros da **Floresta d'Ypanen**, onde encontra ferro, e aqui estabelece o **primeiro engenho de fundição d'América**.

O minério fundido na **Floresta d'Ypanen** é o primeiro **momento industrial luso-brasileiro** e a notícia espalha-se de tal maneira pelo Império que não é mais possível olhar a **Ilha do [Pau] Brasil** apenas como território para desovar opositoristas e criminosos. E é na observação do **Engenho de Ferro dos Sardinha** que o Brasil irá dar continuidade à mobilidade econômica iniciada com a mineração.

Na volta, e às voltas com a **Vereança Piratininga**, autoproclama-se **Capitam das Gentes de Guerra da Villa**, em 1592, e, **por 10 anos, faz o cerco ao Pico do Jaraguá**, onde vai minerar ouro e montar a sua mais preciosa fazenda..., também, a sua mortalha.

Só depois de dominado o **Pico do Jaraguá** é que a **Família Sardinha** consegue sustentar com maior segurança a mobilidade econômico-política estabelecida na rota do **Piabiyu**.

Os mestres de diversos serviços arrancham-se nas aldeias e, aos poucos, alargam as suas atividades do artesanato industrial à lavoura dentro de uma linha de empenho familiar, no qual o **compadrio** atua como o **cunhadismo** na conquista de territórios e de favores sociais com os caciques. Como se sabe pel´O **Bacharel** e por **João Ramalho**, do litoral ao planalto da **Serra do Mar**.

Existe um interesse mútuo. E esta é a plataforma que permite ao ´velho´ *Sardinha* comercializar idéias e produtos a partir da *Piratininga jesuítica* e, logo, gizar a *estrutura pré-bandeirística do assentamento luso-paulista com arcabouço próprio*.

Aventura & Fé

“Os caminhos do Mundo Novo são, nos Séculos 15 e 16, os caminhos abertos pela aventura e a coragem na construção de outras vivências, e, ao mesmo tempo, os caminhos da política expansionista que globaliza o poder ibérico e a cristandade...”
[Macedo, 1983].

O que se verifica ao longo da expansão territorial da Capitania de S. Vicente, ao norte e ao sul, é que nos mesmos caminhos que se abrem nos sertões acontecem duas circunstâncias dentro de um mesmo plano:

- 1- domínio e conquista das terras e dos povos americanos;
- 2 - assentamento da fé cristã.

Uma conquista nunca é apenas um cerco... “Na conquista geossocial verifica-se um avanço pela sedução mercantil e pelo domínio sexual que vira domínio político, mas quem conquista passa a viver segundo as suas crenças próprias e essa fé impõe-se com o tempo gerando novas condições sociais e comportamentais, como aconteceu na América do Norte e no espaço hoje definido como América Latina” [Liffey, 2008].

Na verdade, a aventura raramente se dissocia da fé mística, porque existe um espaço [Terra] e um tempo [Cosmo] que limitam e libertam o pensamento humano.

Uma História Muito Especial

O MARQUÊS DAS MINAS NO DESENVOLVIMENTO DA SOCIOECONOMICO PAULISTA

Ele percebe, no Séc. 16 e em pleno domínio ibérico da Coroa espanhola, que só um rumo pode ser dado ao Brasil: acabar com as capitanias hereditárias, fazer da região um Estado e dividi-lo em Norte [Bahia] e Sul [Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente]. É a visão de um fidalgo com experiência urbana, que vê

nas minas do sul a possibilidade de estabelecer um Estado com estrutura político-administrativa através da organização laboral do processo industrial-social em cada arraial minerário, e principalmente a partir dos arraiais do *‘velho’ Afonso Sardinha*, detentor de minas de ferro, prata e ouro na Capitania vicentina, e poderoso político e empreendedor português.

A chegada do *capitão-governador Dom Francisco de Souza* à Villa Piratininga transforma a sociedade local e, desde logo, assenta uma ação pública de combate ao vazio político-administrativo, pois, *“a sociedade Piratininga é autónoma e objectivamente criativa nos seus quereres, pelo que poderosos como Afonso Sardinha fazem o que querem e têm mais direitos que el-rei”* [J. C. Macedo, 2003]. É com a administração urbana do *fidalgo português Francisco de Souza, sob a Coroa espanhola, que a via do ouro, prata e ferro, transforma-se e faz da Villa Piratininga o pólo do desenvolvimento pré-bandeirístico que se estende às sorocabas do oeste pelo Piabiyu*, a rota ancestral e continental dos guaranis, e nisso dá continuidade às ações litorâneas do *Bacharel de Cananéia* e sertanistas do *‘velho’ Afonso Sardinha*.

Já no Séc. 17, completamente entregue à alquimia da busca por um eldorado e *“Mergulhado no isolamento da Araçoiaba ou serro de Nossa Senhora do Monte Serrate, desamparado de sua comitiva e do antigo fausto, D. Francisco morreu em 10 de junho de 1611 como o mais humilde e desbaratado dos seus antigos caminheiros do desconhecido”* [pt.wikipedia]. Mas, *deve-se a este fidalgo a estrutura político-administrativa que transformou Sam Paulo dos Campus de Piratininga e aqui gizou o Brasil-Estado*, mesmo não encontrando o eldorado que o faria *marquês das minas...* Algures na *Floresta d’Ypanen* jaz um grito telúrico-cósmico envolto na alquimia do fantástico mito.

E se antes o reinol **Tomé de Souza** ordenou o **fechamento do Piabiyu**, o conceito era acabar com o empreendedorismo dos “homens livres” que negociam continentalmente sem os favores da *Coroa*. Ele manda dar fim ao que já “não tem mais volta”, i.e., a estrutura mercantil do compadrio e cunhadismo sobrepõe-se aos interesses da *Coroa* e faz do **Piabiyu** a primeira grande “zona

franca de comércio” da **América do Sul**, na qual os jesuítas têm predomínio com o apoio, primeiro da **Família Sardinha**, e depois, do **padre-mercador Guilherme Pompeu de Almeida**, a partir do oeste piratiningo e da herança empreendedora deixada por **Sardinha...!**

E nesta mobilidade socioeconômica acontece o ideal do **lusopaulista** e, logo, o **ideal do luso-brasileiro que origina o ser-estar Brasil**.

NOTAS

ALENCASTRE, Luiz Felipe – O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul. Companhia das Letras, São Paulo, 2000.

BARCELLOS, João – Araçariguama/ do ouro ao aço. Ed Edicon, São Paulo, 2008.

BARCELLOS, João – Gente da Terra, romance histórico. Ed Edicon, São Paulo, 2008.

BARCELLOS, João – Estamparia / uma historiografia. Ed Edicon, São Paulo, 2010.

BARCELLOS, João – Poesia, Ensaio & Novela. Ed Edicon, São Paulo, 2010.

BARROSO, Gustavo – História Secreta do Brasil. Editora Nacional. 3 vols.

HORTA, José da Silva – Evidence for a Luso-African Identity in ‘Portuguese’ Accounts on “Guinea of Cape Verde” (sixteenth-seventeenth centuries)”, *History in Africa*, 2000.

MACEDO, J. C. – Dos portos do norte de Portugal aos portinhos fluviais de Piratiniun na Ilha do Pau Brasil. Palestra e opúsculo, Coimbra/Portugal, 1976.

SANCHES, Antonio Nunes Ribeiro – *Christãos Novos e Christãos Velhos em Portugal*. 2ªed., Porto, Paisagem, 1973.

VERGER, Pierre – Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos dos Séculos XVII a XIX. Bahia, Corrupio, 1988.

Outras Referências: BARCELLOS, João – “O Império Do Capitão Sardinha”, palestra [2006 a 2009]. “A Construção De O Outro Portugal No Brasil”, palestra [2008]. “A Mobilidade Socioeconômica Da Velha Piratinin Entre Sardinha & Pompeu”, palestra [2007]. **LIFFEY, Johanne** – in “O Acto Colonial Como Objectivo Comercialmente Místico”. Artigo, *Revista da Educação*; Lisboa/Pt, 2008. **MACEDO J. C.** – in “Os Caminhos Nem Sempre Plurais Da Colonização Na América”. Palestra; Coimbra e Figueira da Foz / Pt, 1983. Obs: Parte do material destas palestras está no ‘site’ Noética [www.noetica.com.br]. Projeto Compartilhar [www.projetocompartilhar.org/sesmarias]